

OS MALES E AS VIRTUDES DA COVID-19

Vítor Valente Cavalcanteⁱ
Doutorando em História na
Universidade Federal de Goiás (UFG)

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL

RESUMO

No final do ano passado esse pequeno fragmento de RNA envolto por um envelope de proteína e gordura, denominado Sars-Cov2, realizou o salto e se tornou capaz de habitar corpos humanos em busca de sobrevivência, deixando a humanidade de joelhos poucos meses depois. Deu uma nova dinâmica às múltiplas crises que vínhamos vivendo. À brutal exclusão social, aos problemas ambientais, aos dilemas existenciais, se soma essa nova emergência sanitária, alterando a correlação de forças sociais e naturais e nos impondo a necessidade do isolamento como amor, cuidado com a vida dos próximos e dos distantes. As contradições chegaram ao paroxismo e expuseram o limite do capitalismo. Para que esse sistema dê o próximo passo ele precisa consumir de vez o planeta e a humanidade. Mesmo que resolva o problema da matriz energética que sustenta as sociedades mundo afora e que tanto impacta o meio ambiente, não lhe resta outra saída a não ser deixar no esquecimento os seres humanos tornados desnecessários diante de um modo de produção totalmente automatizado. Por meio de uma reflexão teórico-filosófica e investigativa-analítica, buscamos compreender como construir um projeto para o Brasil a partir do exemplo de outros países e do resgate das experiências do que se denominou de gripe espanhola.

Palavras-chave: Biopolítica; Gripe espanhola; COVID-19; Saídas possíveis.

ABSTRACT

At the end of last year, this small fragment of RNA encased in an envelope of protein and fat, called Sars-Cov2, took the leap and became able to inhabit human bodies in search of needs, leaving humanity for a few months after. It gave a new dynamic to the multiple crises we had been experiencing. To the brutal social exclusion, to environmental problems, to existential dilemmas, this new health emergency is added, changing the correlation of social and natural forces and imposing on us the need for isolation such as love, care for the lives of the near and distant. The contradictions reached paroxysm and exposed the limit of capitalism. For this system to take the next step, it needs to consume the planet and humanity once and for all. Even if it solves the problem of the energy matrix that sustains societies around the world and that impacts the environment so much, there is no other way out of it but to leave human beings unnecessary in the face of a fully automated production mode. Through a theoretical-philosophical and investigative-analytical reflection, we seek to understand how to build a project for Brazil based on the example of other countries and the rescue of the experiences of what was called the Spanish flu.

Keywords: Biopolitics; Spanish flu; COVID-19; Possible exits.



REVISTA LABIRINTO
ISSN 1519-6674
ANO XX
VOLUME 33
(JUL-DEZ)
2020
P. 134-156.

REFLEXÕES TEÓRICO-FILOSÓFICAS SOBRE A PANDEMIA

Grande parte das reflexões em torno da pandemia se deram a partir do paradigma da biopolítica ou em oposição a ele. Portanto, buscarei nesse tópico sintetizar as principais teses a respeito desse debate, para nos munirmos de um ferramental teórico razoável na análise da dimensão e da importância do momento que vivemos.

Os representantes da biopolítica. A partir das formulações de Foucault, alguns filósofos buscaram interpretar a pandemia à luz do paradigma da biopolítica e do biopoder.

Giorgio Agamben sustentou que a pandemia era uma invenção. Desacreditou a força do vírus e disse que não só não há epidemia, como que o vírus produz sintomas leves na maioria dos casos. Em sua opinião, a mídia e as autoridades estariam fazendo todo o possível para espalhar o pânico e as medidas emergenciais de higiene e saúde pública seriam manifestações da tendência a usar o estado de exceção como paradigma normal de governo e produzir uma militarização e uma restrição das liberdades individuais autênticas na sociedade. Esgotado o terrorismo como causa da implementação de medidas excepcionais, a invenção da pandemia as ampliaria ilimitadamente. As consciências individuais, em estado generalizado de medo, necessitariam de situações de pânico coletivo e aceitariam as imposições do governo em nome de um desejo

de segurança criado pelo mesmo. Sequer tratou da rapidez com que o vírus se espalha e não tocou no fato de não haver uma vacina.

Para ele, a primeira coisa que a onda de pânico nos fez ver foi que nossa sociedade não acredita em nada mais além da vida nua, na pura sobrevivência, de modo que estamos dispostos a sacrificar praticamente tudo para evitar o medo de adoecer. Pergunta o que as relações humanas se tornarão num país que se acostumará a viver dessa maneira por tempo indeterminado. A epidemia estaria mostrando claramente que o estado de exceção, que os governos começaram a nos acostumar anos atrás, tornou-se a condição autenticamente normal, já que houve epidemias mais graves no passado, sem que ninguém pensasse em declarar um estado de emergência como hoje. Que a naturalização da vida em condições de crise e emergência permanentes bloqueia a percepção da redução da vida a uma condição puramente biológica, que perdeu não apenas qualquer dimensão social e política, mas também qualquer compaixão e dimensão emocional. Que vivemos numa sociedade que sacrificou a liberdade pelas chamadas razões de segurança e, como consequência, se condenou a viver em um estado permanente de medo e insegurança. Disso decorreria o tratamento do vírus em termos de uma absurda guerra civil. O que preocupa Agamben não é só o futuro, mas as consequências, pois, assim como em tempos de paz tecnologias nefastas foram incluídas nas sociedades como produtos da guerra, é muito provável que após a emergência médica haja

tentativas para manter uma vida cada vez mais online e isolada.

Para Roberto Esposito, há uma inegável implantação da biopolítica que faz com que todos os conflitos políticos hoje tenham a relação entre política e vida como cerne. A partir de Foucault, diz que não devemos perder de vista o caráter historicamente diferenciado dos fenômenos biopolíticos. Que, uma coisa é afirmar que nos últimos dois séculos e meio a política e a biologia se entrelaçaram progressivamente, resultando em problemas às vezes trágicos. Outra é assimilar incidentes e experiências incomparáveis. Que, pessoalmente, evitaria fazer qualquer tipo de comparação entre prisões de segurança máxima e uma quarentena provisória. Que, claramente, do ponto de vista jurídico, decretos de emergência, aplicados há muito tempo até em casos como este, nos quais não são absolutamente necessários, levam a política a procedimentos de exceção que, a longo prazo, podem prejudicar o equilíbrio de poder a favor do poder executivo. Mas que, falar de riscos para a democracia, nesse caso, parece um exagero, para dizer o mínimo. Sustenta que devemos separar os níveis e distinguir entre os processos de longa marcha e os eventos recentes. Com relação aos primeiros, a política e a medicina estão ligadas a implicações e transformações mútuas há pelo menos três séculos, em processos simultâneos de medicalização da política, que se dedica cada vez mais a curar seus cidadãos dos riscos que é frequentemente responsável por enfatizar, e de

politização da medicina, investida em tarefas de controle social que não lhe pertencem, como as avaliações extremamente heterogêneas dos virologistas sobre a natureza e a gravidade do coronavírus. Para ele, ambas as tendências deformam a política em relação a seu perfil clássico, de modo que seus objetivos agora compreendem segmentos de população diferenciados de acordo com a saúde, o sexo, a idade, a etnia. Diante disso, diz ser necessário não perdermos o senso de proporção com respeito a preocupações absolutamente legítimas. Para o autor, a sobreposição caótica e grotesca das prerrogativas regionais e nacionais que a pandemia trouxe tem mais o caráter de um colapso das autoridades públicas do que o de uma garra totalitária dramática.

136

Sergio Benvenuto sustentou que é racionalmente fundamentada, apesar de censurada pela sociedade do pânico, a tese de que os problemas sanitários preocupam menos que os problemas econômicos gerados pelo isolamento social, já que a taxa de letalidade do vírus é menor que outras gripes, que os acidentes de carro e de trabalho e que a pobreza. Enfatiza que o pânico que atingiu o mundo foi uma escolha biopolítica, estabelecida principalmente pela organização mundial da saúde. Que, numa época em que as democracias têm produzido lideranças grotescas, são as grandes organizações supranacionais que tomam as decisões reais, corrigindo parcialmente os caprichos neofascistas das democracias de hoje. Que o poder político, cada vez mais supranacional em

economia, está agindo de modo oposto ao modo como agiu durante a gripe espanhola. Enquanto em 1918 a pandemia foi ocultada, devido ao envolvimento da maioria dos países na guerra, hoje a estratégia seria o pânico como incentivo ao isolamento do vírus. Reconhece, no entanto, que o isolamento é a melhor arma até hoje contra epidemias incuráveis. Pergunta se os especialistas e políticos estão entendendo tudo errado ou se apenas se divertem aterrorizando as pessoas. Se espalhar o terror pode ser mais sábio e seguro que encarar as coisas filosoficamente. Diz que a estratégia de imunização de rebanho pode ser benéfica, mas é contrária à opinião pública e a alguns governos e, portanto, leva a um prejuízo econômico muito maior e beneficia a extrema direita, de modo que as medidas de precaução, por mais dolorosas que sejam, são o mal menor. Ao contrário do que diz Agamben, sustenta que tais medidas não são o resultado do instinto despótico das classes dominantes, visceralmente apaixonadas pelo estado de exceção. Pensar assim seria cair no que alguns filósofos chamam de “teorias conspiratórias da história”, que ele chama de interpretações paranoicas da história, que se proliferam tanto entre os mais ignorantes como os mais instruídos. O autor assume que, quando sustenta que essa pandemia produzirá calamidades econômicas muito maiores que as médicas, se coloca numa posição otimista que poderá ser refutada nos próximos dias. E que, embora um pouco sorridente, tentará ser um bom e assustado cidadão. Por fim, diz que os efeitos dessa

pandemia fortalecerão uma tendência que prevaleceria de qualquer forma e da qual trabalhar em casa é apenas um dos aspectos. Será cada vez mais comum vivermos isolados em nossas casas, graças à revolução da Amazon, Netflix, Skype e outros.

Algun tempo depois, Benvenuto parece se convencer da gravidade da COVID-19 e se diferencia de Agamben, dizendo que, apesar de os soberanos tentarem fechar as fronteiras e identificar o vírus com o estrangeiro, a pandemia puxou o tapete sob os pés dos neofascistas, mostrando que, de fato, no caso do contágio pelo vírus, o perigo não vem de fora, nem de grupos internos que podem ser circunscritos, mas de todos os lados, de modo que não estamos em perigo, somos o perigo. As oposições significativas básicas do fascismo e as caracterizações racistas perderam o seu charme mobilizador de uma só vez. A pandemia derrubou o clichê de que, se amamos nossos amigos, devemos abraçá-los. Hoje, o amor pelo outro é demonstrado na manutenção da distância, esse o paradoxo que jogou por terra todas as estruturas ideológicas (não no sentido marxista) preguiçosas, da esquerda e da direita, como dos populistas. O autor diz que Agamben não conseguiu entender absolutamente nada do que está acontecendo na molecularidade das relações humanas. Os indivíduos que não respeitam o distanciamento e que não usam máscaras ou luvas, expressando seu ceticismo em relação à gravidade da doença, são basicamente indivíduos antissociais, pois, hoje o sociável evita a

sociedade. Essa não é uma epidemia falsa, pelo fato de que é um vírus desconhecido, que pode causar consequências ainda mais desastrosas que as já conhecidas até agora. Que a escolha de Agamben de não aceitar nos dias atuais que três vezes mais pessoas morram que o normal num inverno é uma escolha biopolítica, ou seja, ética. Que há algo heróico na defesa dos mais frágeis e que não tem muito tempo para viver, mas também são sujeitos, pessoas que amam e são amadas.

Massimo de Carolis diz que, após a diminuição da tempestade da mídia causada pelo vírus e o surgimento de alguns dados razoáveis simultaneamente à implementação de um regime de excepcionalidade nunca experimentado antes, é possível apresentar algumas considerações sobre como a esfera biológica e a política estão entrelaçadas na emergência atual, sem, no entanto, confundi-las, para não contribuir com a confusão geral. Também estabelece um corte em relação a Agamben, ao dizer que primeiro fato é que a epidemia não é uma ilusão, como mostra a taxa exponencial de hospitalizações, que pode colapsar o sistema de saúde em poucas semanas, com dramáticas consequências sociais. Por outro lado, um fato tranquilizador, embora incerto, é que, devido à subnotificação, a letalidade do vírus pode ser menor do que o esperado, assim como a duração da pandemia. Que, apesar de as tecnologias e sistemas de saúde darem mais esperança em relação ao passado, a eficácia das medidas políticas são mais difíceis de medir e aparentemente inspiradas por um princípio do

senso comum. Teoricamente, se houvesse um isolamento social rígido nas esferas pública e privada, em poucas semanas o contágio e, portanto, a emergência, cessariam. O autor diz que as medidas do governo parecem visar ao máximo essa situação. Que seu objetivo é, se não cancelar a vida social, suspendê-la até novo aviso, contando para isso com as tecnologias remotas. Que o raciocínio por trás dessas medidas, certo ou errado, está sendo compartilhado pela grande maioria da população com grande zelo. Que suspender essas medidas seria fútil e impopular, além de não haver nenhuma alternativa viável. Que, contudo, permanece o fato de que tais medidas são perturbadoras, dissolvem o vínculo social e impõem um regime de solidão e controle policial a toda a população, um forte lembrete das experiências mais sombrias do nosso passado político recente. Sustenta que o ponto crucial é sabermos se a situação que estamos testemunhando é realmente apenas um parêntese ou se é um teste geral do que poderia se tornar a vida no futuro próximo. Dúvida justificada pelo fato de que a destruição do vínculo social e o controle obsessivo em nome da saúde pública não se originaram com o coronavírus e, há pelo menos um século, tendem a criar uma sociedade baseada no isolamento, na qual a espontaneidade da vida social é percebida como um obstáculo ou ameaça à estabilidade do sistema. A questão é que, paradoxalmente, graças às maravilhas da tecnologia, o sistema de produção não precisa mais dos corpos, vozes e mãos dos trabalhadores para funcionar e a

máquina que reproduz a sociedade pode eliminar completamente a sociabilidade humana, sem pagar um preço muito alto. Para evitar mal-entendidos, o autor esclarece que em nenhum caso uma conspiração, um espectro ou uma personificação mais ou menos oculta responderá a tal pergunta, pois não há diretor ou marionetista por trás dos fenômenos sociais e suas múltiplas direções mais ou menos dependentes de intenções conscientes. Após a pandemia haverá uma luta entre a felicidade social e a segurança da saúde, entre a vida política e a sobrevivência biológica, impulsionada pelos interesses dos governos, empresas e pessoas de todos os tipos e identidades. É nesse cenário que as forças da velha sociedade se confrontarão com as novas forças.

Agora, passemos a alguns pensadores que refletiram sobre a pandemia de um modo crítico em relação ao paradigma da biopolítica.

Jean-Luc Nancy, que se aproxima mais de Derrida do que de Foucault, diz que Agamben afirma que os governos aproveitam todo tipo de pretexto para estabelecer estados de exceção, mas se esquece de que a exceção está se tornando uma regra num mundo em que interconexões técnicas de todo tipo estão atingindo uma intensidade até então desconhecida que cresce à mesma taxa que a população. Para Nancy, mesmo nos países ricos, o aumento da expectativa de vida implica um grande número de pessoas em risco, de modo que temos que cuidar para não atingirmos o alvo

errado, pois uma sociedade inteira está indubitavelmente em questão. Realmente há uma exceção viral, biológica, computacional, científica e cultural, que é a pandemia. Os governos não passam de carrascos sombrios e lançar isso sobre eles parece mais uma manobra de desvio que uma reflexão política. O autor sustenta que, desde que 1945, a Europa, tendo desmoronado, exporta suas guerras e sua desunião através de suas antigas colônias e ao longo das linhas de suas alianças e interesses concorrentes com outros polos de poder no mundo. À medida que exporta conflitos e problemas ambientais, importa mercadoria, populações e uma epidemia viral. Questiona se o vírus, produto da globalização, é prova de uma nova era e sustenta que hoje, nem biologia nem política são termos precisamente determinados, antes o contrário. Motivo pelo qual não vê utilidade na reunião dos mesmos.

Divya Dwivedi e Shaj Mohan respondem a Agamben e Nancy que existem inúmeras formas de exceção, como a excepcionalidade dos Brâmanes e a exclusão dos Pariah. Entre as teorias da conspiração, os mal-entendidos e os comentários racistas sobre o povo chinês, a preocupação maior é que, nesta conjuntura da morte de deus e nascimento do deus mecânico, há uma persistente crise sobre o valor do homem, que pode ser vista nas respostas aos problemas climáticos, à exuberância tecnológica e ao coronavírus. Enquanto nas teo-tecnologias antigas o homem tinha valor e fim em si mesmo, hoje confiamos à máquina tal determinação. É

nessa conjuntura peculiar que os autores consideram a observação recente de Agamben, na qual, diante de um vírus mortal, nos pede para escolher entre a exceção e a regular, enquanto sua preocupação é a regularização da exceção. Dizem que, a esse respeito, Nancy respondeu que hoje só existem exceções, que tudo o que uma vez consideramos regular é inovador. Que Deleuze disse que, entre os jogos de regularidade e exceção, o valor de cada vida importa diante da morte, pois morte e responsabilidade andam juntas. A partir da não excepcionalidade das exceções, dizem que não há um paradigma da exceção e que, no tempo humano, tudo aprende a conviver. Tempo no qual tudo pode ser pensado como *pharmakon*, veneno e remédio. A biopolítica toma posição a partir do pressuposto da temporalidade da natureza e, portanto, negligência o que é um desastre na visão de nosso interesse e responsabilidade pela vida de todos diante do risco de morreremos pelo coronavírus. E o cerne do problema está em que o homem foi capaz de determinar o interesse de seu sistema imunológico constituindo exceções na natureza. Não temos épocas biológicas à disposição para aperfeiçoar cada intervenção. Nós, como a natureza, cometemos erros de codificação e respondemos a qualquer exigência da melhor maneira possível. Somos criadores de exceções técnicas estranhas a nós mesmos. No lugar do abandono por nada, devemos prestar atenção a cada vida como preciosa. Escutar a experiência do chamado dos abandonados e a possível emergência de sua comunidade.

Shaj Mohan diz que está implícito nesse debate sobre o coronavírus a questão sobre o motivo que impele a humanidade a continuar vivendo, embora já tenha sido considerada por muitos pensadores como um erro da natureza. Que temos que responder se devemos ter como projeto a continuidade da humanidade ou, como Agamben e vários outros, o retorno a um momento histórico possuidor das condições normais de vida. Indaga se esta noção não seria senão um idílio burguês europeu mítico no qual as igrejas não permanecem caladas. E se devemos continuar avaliando tudo em nosso presente a partir dessas condições normais de vida. Diz que esse debate ocorreu na América também, onde os boomers avaliaram a vida dos millenials com base em seus próprios mitos e idílios. Que é preciso considerar que as condições normais de vida a serem protegidas da biopolítica eram e são dependentes de processos coloniais, capitalistas e outros processos de exploração que todas essas famílias de pensamento, a teoria política incluso, procuram criticar. Lembra que as noções de normalidade e biopolítica, mantidas por Agamben e derivadas de Foucault, foram exportadas para regiões do mundo e do pensamento com origens e estruturas distintas, universalizando um certo pensamento burguês. Teorias que, em muitas partes do mundo, fornecem a experiência de um espírito conspiratório determinando o curso da história e deixando como senso de resistência aos indivíduos o lamento como única possibilidade. Para Mohan, o terror anterior à pergunta pelo

que devemos continuar é milenarmente conhecido e foi basicamente trabalhado pelo que chamamos de religiões. No entanto, a destruição ou reavaliação nietszcheniana de todos os valores trouxe certa urgência para a questão ao apontar o obscuro eterno retorno do mesmo como referência para essa reavaliação total dos valores. Heidegger, antes de Foucault e Agamben, diminuiu a importância da questão sobre o motivo que nos faz caminhar enquanto humanidade, apontando para a política populacional como forma que considera as pessoas indiferentemente de suas linhas sanguíneas e linguísticas. Essa compreensão burguesa da população como tripulação heterogênea, em contraste com a ideia de povo como os habitantes do solo que desfrutam de uma unidade mítica, não é somente eurocêntrica. Aparece, por exemplo, na Índia, com M. K. Gandhi, quando ele coloca o idílio da vila indiana ideal fundante da humanidade privilegiada das castas superiores, que governam sem o ressentimento dos explorados obedientes aos Karman, em contraste com a civilização ocidental. Para Mohan, o que mantém o esquema dessa resposta reinando após longo tempo, por mais chocante que seja, é sua unificação pela hipofísica, da qual a biopolítica é uma espécie. Tendência que se tornou dominante quando a metafísica se tornou impossível, i. e, quando, em vez de nos referirmos a outro domínio de valores, começamos a encontrar o ideal dentro dos nossos meios socioeconômicos preferidos e nos equívocos calamitosos da natureza. Quando

nos tornamos profundamente conscientes de uma ausência de valor e, portanto, de uma certa incapacidade de distinguir entre o bem e o mal, no século passado. Observa que essa aversão à ausência de valor, que faz com que nos apeguemos ao ideal ou idílio mais próximo, ainda é um pensamento cuidadoso. Uma série de pensadores, como Heidegger, Wittgenstein, Derrida, Deleuze e Nancy, com suas diferentes lógicas e sistemáticas, chegaram a um entendimento agudo do fato de sermos abandonados. O autor pergunta o que isso implica, especialmente agora, quando buscamos orientação diante de uma pandemia e depois de algumas calamidades. E diz que, para além de qualquer antecipação e decepção, somos surpreendidos pela certeza desorientadora da persistência do mundo e a absoluta certeza de seu inevitável, e supostamente tranquilo, desaparecimento conosco. Essa certeza é a mais obscura e distinta e, como uma membrana, envolve tudo enquanto tudo penetra quando olhamos para tudo. A possibilidade de cada experiência é pública, pois não existe linguagem privada, de modo que cada um de nós, sem saber de onde e para onde, compartilha o obscuro ao compartilhar palavras, culturas, amor, precauções e tragédias. O autor diz que, a partir da experiência do obscuro, devemos pensar no outro lado da hipofísica, o determinismo tecnológico. É a mesma aversão ao obscuro que nos leva à exuberância tecnológica em que um novo deus está sendo fundado. A biopolítica e outras teorias estão nos deixando imóveis e

conformados, mas de nossa própria exuberância técnica. A única solidão possível de vermos é a solidão compartilhada com o pensamento de que o mistério não é e o mundo é, mas que é misterioso para nós fazer de nós o mistério, o obscuro *misterium tremendum*, que é vivermos no desconhecido.

Rocco Ronchi diz que, nas tentativas de entender as proporções do evento pandêmico, o termo COVID-19 se tornou uma espécie de metáfora generalizada, quase o precipitado simbólico da condição humana na pós-modernidade, um *experimentum cruci* capaz de alimentar analogias e testar hipóteses que vão da política e dos efeitos da globalização à transformação da comunicação nos tempos da internet, alcançando as alturas das melhores especulações metafísicas. Tentativas nas quais as medidas emergenciais tomadas para combater esse vírus alternativamente populista e soberano parecem universalizar o estado de exceção que o presente herdou da teologia política do século XX, confirmando a tese de Foucault do poder soberano moderno e biopolítico, articulado na produção, gestão e administração da vida. Que fazem o vírus e seu anonimato fundamental compartilhar da mesma qualidade imaterial que fundamenta o domínio do capital financeiro e o comparam à natureza pré-reflexiva e viral da comunicação online. E o colocam como sinalizador, diante de nossa distração consumista compulsiva, de nossa eterna condição humana de seres mortais, finitos, contingentes, carentes, ontologicamente desejantes, etc. O autor diz que,

apesar de legítimas e justificadas, tais considerações, reduzem o que é desconhecido ao conhecido. Fenomenologicamente, utilizam o vírus como prova intuitiva de expectativas teóricas. Porém, não simplesmente um fato, mas um evento, o vírus, pensável apenas a partir do futuro que gera, carrega sua virtude, causando acontecimentos e traumas, transformações que antes não eram possíveis. Gerando, num nível pragmático livre da metafísica, possibilidades reais e concretas, para além da abstração e da imaginação livre. Tornando possíveis métodos operacionais antes impensáveis. Apesar de estarmos muito próximo do evento COVID-19 para poder vislumbrar o futuro que ele nos traz, nosso medo nos tornando testemunhas pouco confiáveis, há alguns sinais de mudança paradigmática visíveis que exibem um sentido inesperado. O autor elenca como o mais impressionante o desaparecimento da ideologia ligada aos muros, num momento em que o planeta parecia convergir para a crença comum de que a única resposta aos problemas da globalização era a redefinição das fronteiras protegidas e das identidades fortes. O populismo foi derrotado em questão de dias, e com uma velocidade incrível, por esse vírus, que nos obrigou, voluntariamente ou não, a assumir a responsabilidade cotidiana pelo destino da comunidade global do homem consigo mesmo e deste com a natureza. Nem mesmo toda a educação havia conseguido nos livrar do preconceito culturalista e antropocêntrico com tamanha eficiência. Objetiva e traumáticamente,

o vírus nos mostra que o todo está sempre implícito nas partes, que tudo está em tudo, que na natureza não há regiões autônomas que constituam a exceção, que não há domínio dentro de outro, que o espírito não é superior à matéria. O monismo do vírus é selvagem e sua imanência cruel. Ele se conecta e nos obriga a encontrar soluções comuns, a enxergar que não é possível salvar a si mesmo sem envolver toda a humanidade e a natureza nesse processo. Ronchi afirma que as zonas vermelhas, a reclusão doméstica e a militarização que o vírus tem despertado são paredes completamente diferentes das que os ricos constroem para afastar os pobres. São um meio de comunicação para o outro e não um sinal de exclusão. O que é confirmado pelo fato de a retórica fascista não ter conseguido se apropriar desses muros e usá-los para dizer o quanto estavam certos sobre suas propostas de segregação. Ao contrário, deixaram de lado sua arma mais eficaz. Também, o vírus parece restaurar a primazia que antes pertencia ao político. A da caminhada, da navegação em alto mar, que admite a ausência de porto seguro ou pódio de chegada; que renuncia à ilusão humana de que é possível domar as forças dos elementos naturais, que constitui o sonho metafísico da modernidade, que concebeu a relação do homem com a natureza como uma guerra entre o espírito e a matéria bruta. Precisamos navegar eternamente nesse mar tortuoso que se revolve independente de nossas intenções. O vírus nos convida a meditar, não sobre a contingência do ser, a natureza precária

dos assuntos humanos, nossa fragilidade e insegurança ontológica. Essa ansiedade nunca desapareceu completamente. O vírus articula a existência, a nossa e a dos outros, como destino, produzindo uma ideia mais sóbria de liberdade, que é aquela alcançada quando fazemos algo sobre o que o destino nos faz. Ser livre é fazer o que deve ser feito em situações específicas e não uma abstração filosófica.

Nesse debate, Slavoj Žižek parece ser o único a propor com mais coragem uma saída concreta para a crise, além das especulações. Sustenta abertamente que, em meio à confluências de crises que vivemos, social, ambiental, espiritual e sanitária, a única saída capaz de evitar o mergulho na barbárie completa que o capital está disposto a bancar é a construção de um novo comunismo, através da coordenação global e da colaboração entre entidades transnacionais, governos, empresas, movimentos classes e indivíduos. A pandemia escancarou o grau desumano de desigualdade a que está submetida a maior parte da humanidade, muitas vezes não tendo nem condições de se alimentar, manter a higiene ou praticar o isolamento social. O isolamento revelou um ressurgimento rápido da vida das florestas e das outras espécies, bem como uma queda drástica nos níveis de poluição no planeta. Por incrível que pareça, a pandemia trouxe consigo uma luz na imensa noite em que vivemos nos tempos atuais. Mostrou ser possível um mundo onde as necessidades recíprocas da comunidade humana, animal, vegetal e mineral venha primeiro que os

interesses das grandes corporações em busca de lucro. A todo um reservatório psicológico a ser liberado, fluxos energéticos que estão prestes a quebrarem a represa construída pelo capitalismo, em nome de uma vida rica não em termos de acúmulo de riquezas, mas em termos de beleza. Uma beleza que vai além dos livros e das artes e se traduz num mundo sem fome e sem crianças morando nas ruas. Diante da possibilidade de um novo totalitarismo emergente, diz que os governos estão em pânico, incapazes de controlar a situação e muito menos de construir uma sociedade estilo Big Brother.

Já Byung-Chul Han diz que os países orientais, mais autoritários e coletivistas, conseguiram dar respostas mais rápidas à crise do novo coronavírus do que o Ocidente, que se encontra em colapso e tomando medidas desesperadas e desorganizadas para combater a pandemia. A China apostou fortemente na monitoração digital das pessoas, já que lá quase não há proteção aos dados e o governo controla os cidadãos integralmente através de seu Estado policial digital e seu sistema de créditos social (câmeras com AI e reconhecimento fácil, que medem temperatura, rastreamento de celulares pelo GPS, compartilhamento de dados entre as empresas e o governo, drones vigilantes, etc). O menor predomínio do individualismo favoreceu, inclusive, um uso de máscaras e uma obediência maior dos cidadãos com relação às restrições. Fala que Zizek está errado e que, após a pandemia, o capitalismo sairá fortalecido e mais

autoritário, a China à frente exportando seu Estado policial digital para o resto do mundo.

GRIFE ESPANHOLA E COVID-19, O QUE PODEMOS APRENDER?

O primeiro passo para dimensionarmos a pandemia que vivemos atualmente é contextualizando-a com outras pandemias que houveram e que, apesar de ainda não totalmente esclarecidas, nos conferem um rico arsenal para pensarmos nossa situação atual, afinal, projetamos o que poderá ser o futuro a partir da comparação com as experiências do passado, que nos possibilitam encarar os problemas do presente. Poderíamos adentrar numa longa história das pandemias mundo afora, virais ou bacterianas. Temos a peste negra no século XIV, que matou em torno de cinquenta por cento da população europeia e figurou como um dos elementos da crise da baixa idade média. Temos os surtos de cólera que se iniciaram na Índia em 1816 e se espalharam pela China, República do Azerbaijão, Cazaquistão, Turcomenistão e Rússia e que ainda hoje se manifestam periodicamente, principalmente nos países mais pobres, que não possuem água tratada. Temos a varíola, que atormentou a humanidade desde a antiguidade até 1980, quando foi erradicada através de uma intensa campanha de vacinação em massa. Temos a gripe russa, a gripe asiática, a gripe de Hong Kong, a gripe suína (causada pelo vírus H1N1) e muitas outras. Temos o HIV, que já matou mais de 20 milhões de pessoas.

Poderíamos estender muito a lista, falando do Ebola, da hepatite C e de várias outras doenças que já causaram pandemias no mundo e ainda nos ameaçam. No entanto, me concentrarei na gripe espanhola para tentar lançar luzes na importância do momento que estamos vivendo. Primeiro, porque seus sintomas, causados por uma cepa mortal de vírus influenza, são muito parecidos com os da COVID-19, doença causada pelo vírus Sars.Cov2. Segundo, porque infectou metade da população mundial e matou entre 50 e 100 milhões de pessoas.

No quarto ano de horror da Primeira Guerra mundial, um estranho mal se espalha rapidamente pelo mundo, fazendo quase dez vezes mais vítimas que o conflito. Tendo início provável em março de 1918, em Kansas, nos Estados Unidos, se espalhou rapidamente para Europa e depois para o mundo. No entanto, as autoridades sanitárias só começaram a se preocupar e a tomar alguma atitude no início de outubro, quando, a dura realidade de uma rápida e devastadora pandemia, para a qual os meios de combate não existiam, já se instalara. Serviços funerários sobrecarregados e superfaturados. Cadáveres se amontoando nas casas durante dias. Uso de placebos e curas milagrosas para acalmar a população na ausência de antibióticos e vacinas. Campos de batalhas tomados pela doença que tornou as trincheiras ainda mais mortais na Europa. Navios que partiam para os quatro cantos do globo, resultando em 500 milhões de doentes no inverno. Em meados de outubro o tom se torna mais alarmista nos

jornais, apesar do grande esforço dos censores dos países envolvidos na guerra em esconder uma tragédia que poderia abalar a população e as tropas. Com o fim da guerra, a epidemia seguiu seu curso até a primavera de 1920. Dentre as consequências da gripe e da guerra, está a instituição, pelo Tratado de Versalhes, do Comitê de Saúde da Liga das Nações, que deu origem à Organização Mundial da Saúde.

Por que gripe espanhola? Ao contrário dos aliados, a Espanha permaneceu neutra ao conflito, não sofrendo da censura de guerra e tendo mais liberdade para relatar essa macabra gripe que se abatia sobre o mundo. As duas estratégias que predominaram nos jornais dos países foram ou diminuir as reportagens sobre a pandemia durante a guerra ou divulgar anúncios curas milagrosas. De um modo geral, as notícias andaram lentamente quando o surto de influenza surgiu. Além das dificuldades que concernem ao correto diagnóstico de uma nova e perigosa doença, da ausência organizações globais para chamar a atenção e de conexões online para permitir o rápido trânsito de informações, outro elemento também desempenhou um papel fundamental para a lenta conscientização acerca da pandemia. A (auto)censura se tornou um fato cada vez mais estabelecido na vida das pessoas a partir de 1914, quando jornais e governos passaram a esconder o crescente número de mortos na guerra em nome do dever patriótico de manter o moral das tropas e da população. Em 1918 os editores de jornais já estavam acostumados aos sistemas de controle do fluxo

de notícias prejudiciais. Já em maio de 1918 a Espanha noticiava em seus jornais uma crescente crise de saúde pública, fenômeno a partir do qual a imprensa europeia pôde noticiar uma certa “Gripe Espanhola”, até então desconhecida do restante do mundo. À medida que a pandemia se agrava, soma-se ao silêncio, por um lado, a estigmatização da Espanha como origem da doença e, por outro, a explosão de anúncios apelativos de fabricantes de remédios milagrosos à medida em que a pandemia se agrava. Também houve uma tendência de ridicularização da pandemia, principalmente na sua terceira onda, quando a mortalidade estava caindo.

Alguns historiadores, como o espanhol Santiago Mata, em seu livro *How the American Army contacted the world the Spanish Flu*, chegam a afirmar que em 1917 os Estados Unidos já lidavam como surtos dessa nova cepa de influenza em quatorze acampamentos militares, de modo que deliberadamente deixaram seus soldados partirem rumo à Europa, levando consigo o vírus responsável pela maior pandemia viral já registrada na história. Com a origem da gripe escondida de modo espúrio, os créditos recaíram sobre o único país livre da censura de guerra que pôde divulgar seriamente a crise sanitária que avançava mundo afora.

Michael Worobay, Jim Cox e Dougla Gill, no artigo *The origins of the great pandemic*, revisam criticamente as principais hipóteses sobre o momento e a origem do surto de doença infecciosa mais intenso da história da humanidade e sintetizam o conhecimento atual

sobre o impacto da pandemia de 1918 em jovens adultos, sobretudo, a partir da segunda onda. A respeito de quando e onde o primeiro caso pode ter surgido, existem três grandes hipóteses, apoiadas principalmente na releitura da imprensa médica da época. A do historiador John Barry, baseada na identificação, pelo médico Loring Miner, de uma gripe de morbidade incomum na zona rural do Kansas, nos Estados Unidos, numa área próxima a um acampamento militar no qual houve um dos primeiros surtos registrados da pandemia. A hipótese do virologista John Oxford, que, baseado em artigos publicados na revista *The Lancet* no ano de 1917, localiza o primeiro surto num acampamento do exército britânico em Etaples, sul da França e em Aldershot, sul da Inglaterra. A hipótese que sustenta que a origem da doença foi a China, baseada na passagem, a partir de fevereiro de 1917, de dezenas de milhares de trabalhadores chineses voluntários pelo Canadá, em direção à França. Os autores concentram-se nos pouco explorados debates nos exércitos alemão e britânico sobre uma doença misteriosa que suas tropas sofreram no final de 1916 e início de 1917 e que possuía sintomas muito parecidos com os da pandemia que viria assolar o mundo nos anos seguintes. Apesar das dificuldades de diagnóstico da época, há várias menções à uma possível gripe influenza pura, com vários casos de infecções pulmonares graves típicas de sequelas de infecção por influenza, bem como de cianose grave, sintoma mais característico da doença que ficou conhecido como gripe

espanhola. Para os autores, apesar das dificuldades de determinação da origem de qualquer pandemia viral, fica claro que as três hipóteses são improváveis. A única evidência razoavelmente persuasiva, embora inconclusiva, são análises filogenéticas que indicam a origem do evento de rearranjo viral que deu origem à pandemia na parte norte do hemisfério ocidental, por volta de 1915. A chance de que os observadores da linha de frente tenham detectado em tempo real a origem da pandemia é próxima de zero, apesar de ser alta a chance de os casos documentados serem tratados pelas manchetes como os primeiros. A origem da pandemia foi surpreendentemente precoce na América do Norte e, em 1917, tanto o exército, o governo e a imprensa dos Estados Unidos, do Reino Unido e da Alemanha já tinham plena consciência de uma doença misteriosa e altamente mortal. Mesmo assim, não fizeram nenhum esforço de desmobilização das tropas. Independente da origem, fica claro que a movimentação das tropas, bem como a repatriação de sobreviventes, foi decisiva para espalhar o vírus por todo o globo. Sobre o motivo do alto impacto em adultos jovens e a conexão da experiência de 1918 com pandemias posteriores, os estudos giram em torno da impressão antigénica ou pecado antigénico original, que é a exposição do indivíduo a alguma cepa de um vírus semelhante ao que causou a pandemia durante a infância. As pesquisas mostram que os adultos jovens de 1918 não foram expostos a um vírus parecido com o H1N1 em suas infâncias e, portanto,

estavam muito suscetíveis. A maioria deles foi exposta ao vírus H3N8, que circulou de 1889 até início do século XX e está no grupo oposto em relação ao vírus pandêmico. A segunda hipótese aceita, mas com menos poder explicativo, é a da resposta imune inata excepcionalmente forte, a chama tempestade de citocinas, que desencadeia uma reação inflamatória grave por todo o corpo do indivíduo, levando-o a óbito.

Vimos no caso da gripe espanhola que a censura de guerra e a movimentação das tropas desempenharam um papel fundamental na propagação e, portanto, na gravidade da pandemia. Agora, vejamos como as coisas se deram e se dão na pandemia de coronavírus que vivemos atualmente. Me concentrarei no modo como a imprensa e o governo se comportaram diante da propagação do coronavírus e na defesa da mobilidade vinculada aos interesses econômicos.

Não faltaram avisos, desde o início do século XXI, sobre a iminência de uma nova pandemia. No artigo intitulado Ten Things You Need To Know About Pandemic Influenza, o periódico Weekly Epidemiological Record 49-50, de dezembro de 2005, alertou a iminência de uma pandemia para a qual não haveriam remédios suficientes, que afetaria todos os países, causando doenças generalizadas, mortes em massa e sérios desarranjos sociais e econômicos. O artigo Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus as an Agent of Emerging and Reemerging Infection, de 2007, afirmou que a natureza explosiva da primeira epidemia de

SARS em 2003, sua alta mortalidade, reemergência transitória e interrupções econômicas levaram a uma corrida nas pesquisas que resultou em mais de 4000 publicações enfatizando a necessidade de um controle minucioso da vida selvagem e dos mercados de animais vivos, diante da enorme quantidade de variações virais circulando na China capazes de saltar para a espécie humana. Trata-se de uma previsão consensual na ciência. A China estudou esses vírus intensamente. Bill Gates alertou Donald Trump sobre os riscos de uma pandemia e enfatizou a necessidade de os Estados Unidos se prepararem para tal evento em 2016. Em novembro de 2019 o Centro Nacional de Inteligência Médica do Pentágono enviou um relatório para a Casa Branca, alertando a possibilidade de o novo coronavírus se tornar um evento catastrófico. Mesmo assim, o governo e a imprensa de muitos países negligenciaram tais avisos solenemente, movidos ou não por interesses econômicos.

A China, primeiro país a declarar a nova doença mortal, em dezembro de 2019, só o fez com muita relutância. O oftalmologista Li Wenliang, um dos primeiros a identificar o surto do novo coronavírus e a alertar as autoridades e a população, foi investigado pela polícia, juntamente com outros médicos, e chegou a ser detido, acusado de espalhar notícias falsas e espalhar o pânico. No combate à doença, o médico de 34 anos acabou sendo infectado e faleceu. Até mesmo a sua morte foi inicialmente negada pelo Hospital Central de Wuhan. Apesar

das claras tentativas de esconder a existência e a gravidade da doença, o país reagiu rapidamente e iniciou um lockdown no dia 23 de janeiro, quando registrava 259 novos casos por dia e tinha um total de 800 casos. Construiu dois hospitais em tempo recorde e adotou medidas rígidas de combate ao vírus. Hoje a China registra 91170 casos e 4512 mortes. O segundo país a ser atingido em cheio foi a Itália, que ultrapassou a China rapidamente. Não adotou as medidas de contenção tão cedo como a China. O prefeito Giuseppe Sala chegou a apoiar a campanha Milão não vai parar, disseminada em massa nas redes sociais, provavelmente paga por empresários e seus interesses econômicos. Se desculpou posteriormente, diante do cenário desolador. Todos devem se lembrar da cena mórbida dos caminhões do exército transportando corpos serem cremados na Lombardia. O país chegou rapidamente ao colapso do sistema de saúde. A Itália parou o país quando chegou em 10 mil casos acumulados e mil novos casos por dia. Hoje registra 338398 casos e 36083 mortes. O Conselho de Segurança Nacional da Espanha minimizou os riscos do coronavírus e disse que o país não corria o risco de enfrentar uma emergência sanitária, mesmo a Itália já tendo fechado tomado medidas drásticas de contenção e a OMS já tendo declarado o risco de uma pandemia. Dez dias depois o governo declarou lockdown. A Espanha ultrapassou a Itália. Teve que empilhar corpos nas pistas de patinação no gelo, pois não havia mais necrotérios disponíveis. Mesmo diante desses

cenários o Reino Unido e os Estados Unidos optaram por ridicularizar o vírus e as medidas de segurança sugeridas pelas autoridades competentes. Boris Johnson foi mais longe, dizendo que o país adotaria a estratégia da imunização de rebanho. Trump, quando não tentava colocar toda a culpa na China e chamava o vírus de vírus chinês, utilizando uma velha e conhecida estratégia, dizia que não passava de um resfriado. Que havia muita histeria da imprensa, da OMS e dos profissionais de saúde. Tanto Trump quanto Johnson só mudaram um pouco de postura depois da publicação dos estudos do Imperial College, que revelavam mais de 2 milhões de mortos em seus respectivos países.

Um fenômeno impressionante que deve ser ressaltado é o modo como países pobres como Vietnã, Cuba e Venezuela conseguiram enfrentar a pandemia de modo muito mais eficiente que os países que guardam as economias capitalistas mais prosperar pelo globo terrestre. Há um mistério aqui. Um elemento que mostrou praticamente como o capitalismo é incapaz de cuidar da saúde das pessoas e do planeta. Mesmo estando próximo da China, possuindo uma alta densidade populacional, um sistema de saúde precário e poucos recursos, o Vietnã talvez seja o exemplo mais bem sucedido de combate ao coronavírus, justamente por agir rápido e colocar em prática uma quarentena rígida, um programa de testagem agressivo e um eficiente rastreamento de contatos. Medidas aparentemente simples e baratas, mas que

requerem um alto nível de disciplina e conscientização da população em torno do valor da vida comum. Uma comunicação transparente entre o governo, personalidades da sociedade civil e a população em geral. Algo que não se consegue da noite para o dia, mas revela um acúmulo surpreendente a qualquer observador internacional. Isso tudo ainda tendo que lutar com mutações do vírus mais infecciosas que o normal. O país ainda doou milhares de respiradores para os Estados Unidos, país que massacrou seu povo de modo impiedoso e imoral. Não precisamos adentrar aqui, por exemplo, nos impactos do uso de napalm para a população civil. Ou os estupros coletivos que os soldados promoviam nas aldeias. Isso tudo é muito importante, mas nos faria fugir do escopo do artigo.

O fundamental é focarmos na relação entre a atitude de cada país e os reflexos da pandemia nos mesmos. Podemos dividi-los em dois grupos. De um lado, os que tomaram atitudes enérgicas, adotando medidas restritivas aconselhadas pelos órgãos de pesquisa e saúde. De outro, os países que negligenciaram a ciência e a defesa da vida em nome da economia. Todos nós temos que nos atentar para o desalinhamento entre o que é dito e o que é feito. Os países sabiam da gravidade da doença, se preparando, ainda que tardiamente, para uma catástrofe, mas propagandeavam aos quatro ventos que tudo ia bem. Que a economia não devia parar e que a vida devia seguir normalmente. Os números do sistema de saúde chegaram ao ponto de não

serem mais confiáveis. Só com o passar dos anos saberemos o real impacto da covid 19. Relação entre mortes por doenças respiratórias em relações a outros anos revela uma grande notificação. Por que, mesmo com tanto conhecimento sobre a pandemia, a imprensa e o governo se comportam do mesmo modo? Por que vários governantes ignoraram avisos científicos sobre uma possível pandemia? Por que a OMS demorou tanto em declarar a pandemia? Por que insistiram até o último minuto que a pandemia matava apenas idosos e pessoas com outras doenças? Por que os estudos sobre os vírus que circulam não têm mais apoio de todo o mundo para se evitar novas catástrofes? Porque a agropecuária desrespeita sucessivamente os limites ambientais, que são um dos fatores que geram novas pandemias?

O CASO BRASILEIRO

O Brasil, que tinha tudo para sair vitorioso da batalha contra o novo coronavírus, soma mais de 150 mil mortes e cinco milhões de infectados, sem sequer saber a real dimensão da pandemia. Já conhecíamos a experiência da China, da Itália, da Espanha, dos Estados Unidos e do Reino Unido. Fechar as fronteiras e enfrentar os interesses neoliberais não era algo de outro mundo. Boris Johnson anunciou uma medida sem precedentes na história do Estado Britânico, liberando 38 bilhões em custeio de salários para permitir que as pessoas fiquem em casa. Trump, o presidente que se elegeu dizendo

que ia ser o maior desregulador da história (mais que Reagan), numa virada keynesiana, se viu obrigado a impulsionar um plano bilionário de resgate econômico para empresas e cidadãos e a ativar inclusive a Lei de Produção de Defesa, que permite ao Estado intervir nas indústrias para garantir a fabricação de bens essenciais à nação. Nenhum presidente, com exceção de Bolsonaro, quer entrar para história como o presidente que poderia ter feito algo, mas não fez. Sob o comando desse indivíduo, que concentra em si tudo o que pode haver de mais horrendo num ser humano, o país foi estimulado a descumprir sistematicamente qualquer orientação científica no combate à pandemia. Associado à máquina de Steve Bannon que o ajudou a se eleger, inundou o país com desinformação contra o uso de máscaras, o isolamento e o distanciamento sociais, a vacina chinesa, bem como para vender a hidroxicloroquina como cura milagrosa para a COVID-19.

No início da crise sanitária, surgiu no país uma guerra entre a União, que tinha vários prefeitos e destacamentos da polícia militar e da milícia ao seu lado, e os governos estaduais. Muitos governadores foram impelidos pelo bom senso a decretarem lockdown, total ou parcial, como uma medida urgente para conter a rápida propagação do vírus no país, que se iniciou nas capitais, inicialmente Rio de Janeiro, São Paul e Distrito Federal. Qualquer um que defendesse as medidas recomendadas pela OMS imediatamente se tornou inimigo direto do governo federal. Os

casos mais impressionantes foram os dos ministros da saúde Luiz Henrique Mandeta e Teich que, apesar de defenderem historicamente o dismantelamento da saúde pública, foram demitidos do ministério simplesmente por implementarem os protocolos científicos referentes à pandemia. No lugar dos dois está ainda hoje o ministro interino Eduardo Pazuelo, um militar que não entende nada de saúde pública (sequer sabia o que era o Sistema Único de Saúde), mas que obedece às ordens do capitão sem titubear. Desautorizado a cumprir o acordo de compra da “vachina”. No entanto, parece que a maioria dos governadores e da sociedade está cedendo ante o cansaço da quarentena e das pressões econômicas. A impressão é de que a vida voltou a um normal nada novo, numa reabertura de atividades não essenciais sem coordenação nacional nem vigilância epidemiológica adequada.

Bolsonaro, que chegou a cortar o auxílio financeiro Bolsa Família dos estados do nordeste, viu no auxílio emergencial uma inesperada guinada de sua popularidade que despencava. Agora, trava uma queda de braços com a equipe econômica de seu governo e a agenda neoliberal da elite que o ajudou a ganhar a eleição. Se vê numa encruzilhada, obrigado a se voltar contra grande parte de sua base de apoio visando um apoio das massas famintas na reeleição.

Alguns, como Eduardo Giannetti, veem sinais de descontentamento social com o governo de Bolsonaro se amplificarem na esteira da crise

do novo corona vírus, levando o país a uma conflagração devido aos impactos na economia. Bolsonaro, emendando Trump, achou que poderia empurrar os custos da crise para o futuro. Um efeito colateral positivo de sua postura negacionista pode ser a destruição dessa direita que ameaça a humanidade com suas posturas. Segundo o autor, a saída deve passar pela injeção de dinheiro diretamente na economia, beneficiando primeiro os trabalhadores e depois as empresas, através da emissão primária e da expansão da base monetária, de preferência jogando a conta para os mais ricos e para as gerações futuras. As crises hoje se tornam globais devido à grande mobilidade (viagens) e interconexão (notícias) propiciadas pela globalização. O clima político de polarização raivosa aumenta a imprevisibilidade. Lógica de perpetuação no poder, através da manutenção da economia, ou melhor de empresários como Luciano Hang, Roberto Justus, Junior Durski e, em suma, a FIESP, que tramam uma hecatombe social nesse país, para que possam continuar reinando sobre os escombros. O que mais preocupa no Brasil é a profunda desigualdade social, que poderá agravar as mortes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos que dizem, a partir da biopolítica, que essa pandemia é uma invenção dos governos e da mídia para instalar o pânico e o estado de exceção como norma social, esquecem-se que a

China, a Itália, a Espanha, a Suécia, o Reino Unido e o Brasil, dentre outros, não levaram a sério a gravidade da pandemia e fizeram de tudo para escondê-la quando a perceberam. Apesar de não estarmos numa guerra aberta e declarada como a primeira guerra mundial, nos encontramos numa guerra invisível que corre sob a aparência de paz mantida pelos aparatos do poder político-econômico, como dizia o próprio Foucault no curso intitulado *Em defesa da Sociedade*. Nessa confluência de crises que vivemos, o neoliberalismo foi ridicularizado por esse pedacinho de RNA que colocou o planeta de joelhos em poucos meses. Se continuarmos durante e após a pandemia, a vivermos nos moldes do capitalismo, não nos restará outra alternativa que enfrentar o fim do mundo, ou ao menos de nossa espécie, em pouco tempo. Talvez os mais ricos e poderosos consigam sobreviver em seus bunkers ou em outro planeta, numa realidade parecida com os inúmeros filmes distópicos que circulam hoje.

Por exemplo, a pandemia levou as relações entre a China e os Estados Unidos a um nível de tensão que beira uma nova guerra fria - tensão ampliada pela pandemia de COVID-19. Numa sequência que faz lembrar a gripe espanhola, a China alega que algumas forças políticas dos EUA se contaminaram com um vírus político e atacam e difamam leviana e constantemente a China. Espalham boatos e estigmatizam o lugar de origem do Sars.Cov2, no final do ano passado. Acusam o país de ter protelado a comunicação de dados cruciais sobre

a gravidade da doença. Apesar disso, a China garante estar aberta a uma cooperação internacional, profissional, justa e construtiva, livre de interferências políticas, para identificar a origem do vírus mortal. Esses acontecimentos levam a pensar no grau de miopia de análises como as de Agamben. Vemos Estados e líderes autoritários não querendo implementar o pânico, mas evitá-lo, para não prejudicar a economia. Cabe mesmo indagar se Agamben acha correta a postura de Bolsonaro, e seu guru Olavo de Carvalho, diante da crise. O que eles fazem é justamente alegar que a pandemia é uma invenção para gerar o pânico e implantar facilmente uma ditadura, posto que o povo está preso dentro de casa. Os que tem como projeto o caos, acusam os que estão seguindo orientações de saúde, científicas, que visam o combate ao vírus e a proteção das vidas, de disseminarem o caos. Como disse Saj Mohan, Agamben se contenta em se indignar com o silêncio das Igrejas diante da implementação do próximo nível do estado de exceção mundial. E essa estratégia se alimenta de um sentimento legítimo que paira na sociedade. A indignação ante a falta de sentido do trabalho e da vida no mundo capitalista. A pandemia conseguiu nos fazer enxergar a falência desse sistema baseado no lucro como sentido da vida. Mas a falência das relações de produção, da propriedade privada, diante da capacidade produtiva estonteante da sociedade, ficou solarmente exposta. Chegamos ao nível em que o processo produtivo passa a depender da força de trabalho humano. E a

questão que se coloca, a partir da propriedade privada, é a seguinte: o que fazer com aqueles que vivem de sua força de trabalho (não somente na figura do operário fabril)? Deletá-las? Aniquilá-las? Ou haverá um novo e imenso movimento de apropriação dos que foram expropriados, expropriando os antigos expropriadores? Esse novo movimento se dará na forma da Guerra entre os de cima e os de baixo? Exploradores e explorados? Será iniciado de baixo? De cima? De ambos os lados? Em que proporções? O que o dono da Amazon, que se tornou ainda mais podre de rico durante a pandemia, assim como os bilionários brasileiros, fará enquanto o primeiro trilionário do mundo? Não oferecerá EPIS para seus funcionários trabalharem, motivo pelo qual fizeram greve, inclusive? O que está em jogo é o sentido da produção de riquezas, de que modos ela satisfaz o carecimento humano, as necessidades recíprocas da comunidade entre os homens e todos e demais formas de vida no (e do) planeta? As pessoas enxergaram que uma vida plena depende mais do modo como cuidamos uns dos outros do que da quantidade de dinheiro que temos acumulado. De um qualquer desenvolvimento inexorável das leis divinas ou históricas. De que adianta trabalharmos se nossos filhos não poderão celebrar festivamente a existência?

O que mudou com novo coronavírus? A conexão entre as pessoas aumentou? Foi o consenso de que a vida humana é mais importante que os lucros e dividendos fez

inúmeros países se curvarem ante o vírus? É razoável que a economia continue ao bel prazer daqueles que não sobreviverão ao vírus, seja por comorbidades ou qualquer outra razão? O autoritarismo irá aumentar? Viveremos um novo fascismo, digital? O estado policial digital da China será exportado ao resto do mundo? XI Jinping é pior que Mark Zuckerberg? O FaceBook protege mais nossos dados do que o governo chinês? China não tem proteção aos dados, mas no ocidente tem? Quando as últimas amarras do sistema capitalista caírem os seres humanos serão livres para amar com solidariedade, gratidão e reciprocidade?

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. L'invenzione di un'epidemia. Quodlibet, 2020. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>> Acesso em 10 de out. de 2020.

_____. Chiarimenti. Quodlibet, 2020. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti>> Acesso em 10 de out. de 2020.

BENNETT, Harry. Spanish flu and the history of pandemic propaganda. Prospect, 2020. Disponível em: <<https://www.prospectmagazine.co.uk/politics/coronavirus-spanish-flu-1918-pandemic-from-spain>> Acesso em 10 de out. de 2020.

BENVENUTO, Sergio. Benvenuto in clausura. Antinomie, 2020. Disponível em:

<<https://antinomie.it/index.php/2020/03/05/benv-enuto-in-clausura/>> Acesso em 10 de out. de 2020.

_____. Forget about Agamben. *European Journal of Psychoanalysis*, 2020. Disponível em: <<http://www.journal-psychoanalysis.eu/coronavirus-and-philosophers/>> Acesso em 10 de out. de 2020

BRITO, Carina. Há três anos, Bill Gates alertava Donald Trump sobre risco de uma pandemia. UOL, 12 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/12/bill-gates-alertou-donald-trump-em-2016-sobre-riscos-de-uma-pandemia.htm>> Acesso em 10 de out. de 2020.

Como o Vietnã conseguiu vencer o coronavírus, apesar do sistema de saúde precário. BBC, 09 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52584143>> Acesso em 10 de out. de 2020.

CAROLIS, Massimo de. La minaccia del contagio. Quodlibet, 2020. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/la-minaccia-del-contagio-di-massimo-de-carolis>> acesso em 10 de out. de 2020.

COVID-19. Conselho Nacional de Segurança minimizou risco no início de março. RTP Notícias, 19 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/mundo/covid-19-conselho-de-seguranca-nacional-de-espanha-minimizou-risco-no-inicio-de-marco_n1238284> Acesso em 10 de out. de 2020.

DIWIVED, Divya; MOHAN Shaj. La comunità degli abbandonati. *Antinomie*, 2020. Disponível

em:

<<https://antinomie.it/index.php/2020/03/12/la-comunita-degli-abbandonati/>> Acesso em 10 de out. de 2020

DUMEURGER, Marine. La gripe espagnole: le tueur invisible de 1918. *GEO*, 2018. Disponível em: <<https://www.geo.fr/histoire/la-grippe-espagnole-le-tueur-invisible-de-1918-189192>> Acesso em 10 de out. de 2020.

ESPOSITO, Roberto. Curati a oltranza. *Antinomie*, 2020. Disponível em: <<https://antinomie.it/index.php/2020/02/28/curati-a-oltranza/>> Acesso em 10 de out. de 2020.

FERGUSON, Neil M. Report 9: Impacto of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID-19 mortality and healthcare demand. Imperial College, 2020. Disponível em: <<https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/Imperial-College-COVID19-NPI-modelling-16-03-2020.pdf>> Acesso em 10 de out. de 2020.

HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã segundo o filósofo Byung-Chul Han. *El País*, 22 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>> Acesso em 10 de out. de 2020.

LITTLE, Becky. Trump's "chinese" virus is part of a long history of blaming other countries for disease. *TIME*, 20 de mar. de 2020. Disponível

em: < <https://time.com/5807376/virus-name-foreign-history/>> Acesso em 10 de out. de 2020.

MATA, Santiago. How the American Army contacted the world the Spanish Flu. Ed.Amanecer, Madrid.

MENACHERY, Vennet D; YOUNT JR, Boyd L; DEBBINK, Kari; AGNIHOTHRAM, Sudhakar; GRALINSK, Lisa E; PLANTE, Jessica A; GRAHAM, Rachel L; SCOBAY, Trevor; GE, Xing-YI; DONALDSON, Eric F; RANDELL, Scott H; LANZAVECCHIA, Antonio; MARASCO, Wayne A; XI Zhengli-LI; BARIC, Ralph S. A SARS-like cluster of circulating bat coronaviruses shows potential for human emergence, 2016. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/nm.3985>> Acesso em 10 de out. de 2020.

MOHAN, Shaj. Cosa ci porta avanti. Antinomie, 2020. Disponível em: <<https://antinomie.it/index.php/2020/03/30/cosa-ci-porta-avanti/>> Acesso em 10 de out. de 2020.

Morte de médico chinês que tentou alertar sobre coronavírus é confirmada por hospital. G1, 06 de fev. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/06/morre-medico-chines-que-tentou-alertar-colegas-sobre-surto-de-coronavirus.ghtml> Acesso em 10 de out. de 2020.

NANCY, Jean-Luc. Eccezione virale. Antonimie, 2020. Disponível em: <<https://antinomie.it/index.php/2020/02/27/eccezione-virale/>> Acesso em 10 de out. de 2020.

_____. Um vírus tropo umano. Antinomie, 2020. Disponível em: <<https://antinomie.it/index.php/2020/03/20/un-virus-tropo-umano/>> Acesso em 10 de out. de 2020.

RONCHI, Rocco. Le virtù del vírus. Doppiozero, 2020. Disponível em: <<https://www.doppiozero.com/materiali/le-virtu-del-virus>> Acesso em 10 de out. de 2020.

STRACQUALURSI, Veronica. Inteligência dos EUA tentou alertar Casa Branca sobre coronavírus em novembro. CNN, 08 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/04/08/inteligencia-dos-eua-tentou-alertar-casa-branca-sobre-coronavirus-em-novembro>> Acesso em 10 de out. de 2020.

Ten Things You Need to Know About Pandemic Influenza. Weekly Epidemiological Record, 2005. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/232955/WER8049_50_428-431.PDF?jsessionid=24932D997988C43B7E2562BBBFB00E68?sequence=1> Acesso em 10 de out. de 2020.

VITORIO, Tamiris. No Vietnã, coronavírus tem variante três vezes mais infecciosa. EXAME, 03 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://exame.com/ciencia/no-vietna-coronavirus-tem-variante-tres-vezes-mais-infecciosa/>> Acesso 10 de out. de 2020.

WOROBAY, Michael; COX, Jim; GILL, Douglas. The origins of the great pandemic. Evolution, Medicine & Public Health, 2019.

Disponível em:

<[https://academic.oup.com/emph/article/2019/1/](https://academic.oup.com/emph/article/2019/1/18/5298310)

18/5298310> Acesso em 10 de out. de 2020.

Zizek, Slavoj. Pandemia COVID-19 e a reinvenção do comunismo. Boitempo. São Paulo, 2020.

NOTAS

ⁱ Doutorando em história pelo programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Recebido em: 25/10/2020.

Aprovado em: 09/11/2020.

Publicado em: 31/01/2021.